



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **12/06/2018**

Aprovado em: **15/06/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.03.06>

HISTÓRIA, FORMAÇÃO POLÍTICA E IDENTIDADES: O CASO DO VI ESTÁGIO INTERDISCIPLINAR DE VIVÊNCIA EM SERGIPE/ HISTORY, POLITICS AND IDENTITY FORMATION: THE CASE OF VI INTERDISCIPLINARY INTERNSHIP EXPERIENCE IN SERGIPE/ HISTORIA, FORMACIÓN POLÍTICA E IDENTIDADE

EIXO: 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS

PALOMA DE OLIVEIRA FONTES, MARIZETE LUCINI

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar reflexões sobre a história e a formação de identidades no VI Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) em Sergipe, espaço de formação política construído pelos movimentos sociais em conjunto com o movimento estudantil. Para tanto, nos propusemos a identificar qual história é mobilizada para a formação política no EIV, assim como, analisar as relações existentes entre o ensino de história e a produção das identidades sociais dos sujeitos na formação possibilitada. As discussões aqui apresentadas fundamentam-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo Estudo de Caso. Os resultados do trabalho evidenciam que o ensino de história contribuiu sobremaneira na constituição da identidade dos sujeitos durante o EIV, atuando como um mecanismo para que os sujeitos reconheçam seu papel na história e atuem sobre ela.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de História. Formação política. Movimentos sociais. EIV. Identidades.

ABSTRACT The present work aimed to reflect on the history and the formation of identities in the VI Interdisciplinary Stage of Experience (EIV) in Sergipe, a space of political formation built by the social movements together with the student movement. In order to do so, we set out to identify which history is mobilized for the political formation in the EIV, as well as to analyze the relations existing between the teaching of history and the production of the social identities of the subjects during this space. This is a qualitative research of the Case Study type. The results of the study show that the teaching of history contributed greatly to the constitution of the subjects' identity during the EIV, acting as a mechanism for the subjects to recognize their role in history and to act on it. **KEY WORDS:** Teaching History. Political formation. Social movements. EIV. Identities. **RESUMEN** El presente trabajo objetivó reflexionar sobre la historia y la formación de identidades en el VI Etapa Interdisciplinaria de Vivencia (EIV) en Sergipe, espacio de formación política construido por los movimientos sociales en conjunto con el movimiento estudiantil. Para ello, nos propusimos identificar qué historia se moviliza para la formación política en el EIV, así como, analizar las relaciones existentes entre la enseñanza de la historia y la producción de las identidades sociales de los sujetos durante este espacio. Se trata de una investigación de enfoque cualitativo del tipo Estudio de caso. Los resultados del trabajo evidencian que la enseñanza de la historia contribuyó sobremanera en la constitución de la identidad de los sujetos durante el EIV, actuando como un mecanismo para que los sujetos reconozcan su papel en la historia y actúen sobre ella. **PALABRAS CLAVES:** Enseñanza de la Historia. Formación política. Movimientos sociales. EIV. Identidades.

Introdução

Em pesquisa realizada anteriormente intitulada “O Ensino de História e a produção da identidade” pudemos identificar que os estudantes de uma determinada escola do campo inseridos dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra não estabeleciam relações de identificação com os conteúdos históricos trabalhados em sala de aula, exceto quando ocorria a mediação do professor evidenciando essa possível identificação. A partir dessa constatação passamos a nos questionar: se o ensino de história na educação formal não é o local por excelência da formação da identidade desses sujeitos, em que espaço tal identificação é possível? Que práticas de memória são mobilizadas para que as identificações sociais sejam construídas? Nas discussões realizadas compreendemos que poderíamos investigar essa questão em espaços não-formais de educação, como por exemplo, em espaços de formação política dos movimentos sociais, já que a literatura evidencia que nesses locais a identificação ocorre.

Entendemos a educação não formal como um processo de aprendizagem social que envolve várias dimensões, centrado nos educandos através de atividades que se encontram fora do sistema de ensino formal. De acordo com Maria da Glória Gohn, a educação não formal:

Ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos. Usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. (GOHN, 2006, p. 2).

Considerando o EIV como um espaço de educação não formal, construído majoritariamente pelos movimentos sociais populares, optamos por investigar como a história ensinada atua na formação de identidades dos sujeitos no VI Estágio Interdisciplinar de Vivência Sergipe, bem como, analisar as relações existentes entre o ensino de história e a produção de identidades dos sujeitos nesse espaço. Conforme Lucini (2007), a preocupação com a identidade:

Não é uma questão que possa ser considerada periférica na atualidade, mas, sim, central, tanto em níveis globais como locais, considerando-se os conflitos étnicos, religiosos e nacionalistas que compõe hoje o cenário global. Portanto, discutir identidade exige que se compreenda como ela se constitui. (LUCINI, 2007, p. 43).

Neste trabalho, compreendemos as identidades como “um significado – cultural e socialmente atribuído” (SILVA, 2007, p. 95). Conforme Tomaz Silva:

[...] A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. [...] Tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2007, p. 96 e 97)

Nesta perspectiva, adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas (SILVA, 2007). Através deste conceito procuramos nortear as questões da nossa pesquisa.

No que se refere especificamente ao Estágio Interdisciplinar de Vivência, observamos que a literatura existente evidencia poucos trabalhos acadêmicos sobre o EIV, no geral, o que encontramos são apenas relatos ou depoimentos de vivência que pouco aprofundam o assunto desta formação em si, principalmente na questão metodológica e histórica. Quando delimitamos essa investigação na área do Ensino de História dentro desse espaço de formação não encontramos nenhum trabalho que trate da temática, e nisto se diferencia nossa pesquisa.

O Estágio Interdisciplinar de Vivência é composto por dois grupos específicos: a Coordenação Político Pedagógica (CPP) e os estagiários. O grupo selecionado para realização da nossa pesquisa foi a CPP visto que estes são os indivíduos responsáveis pela organização do estágio como um todo, ou seja, seleção dos estagiários, definição dos conteúdos e textos a serem trabalhados, facilitadores dos espaços, áreas de vivência, entre outros.

Como metodologia de abordagem utilizamos a pesquisa qualitativa em educação, visto que a mesma nos permite uma aproximação maior com o objeto de pesquisa, supondo “o contato direto e contínuo do pesquisador com o objeto e o ambiente pesquisado, enfatizando o campo não apenas como

reservatórios de dados, mas também como uma fonte de novas questões” (GARCIA, 2014, p. 75).

Os procedimentos adotados foram a participação nas reuniões e seminários de construção do VI EIV, realizada com o intuito de conhecermos como ocorreu todo o processo de preparação do estágio (das questões estruturais até as teóricas), assim como da Coordenação Político Pedagógica. Foram realizadas observações durante a primeira e terceira fase do EIV, com vistas a verificar a forma como os conteúdos eram abordados e transmitidos, visualizando a interação dos estagiários com o conteúdo apresentado, a metodologia adotada, entre outros. Também procedemos pela análise dos textos utilizados durante o estágio, assim como da bibliografia preparatória recomendada para a CPP. Realizamos ainda o registo em diário de campo e entrevistas com membros componentes da Coordenação Política Pedagógica.

Estágio Interdisciplinar de Vivência: Histórico e perspectivas

O Estágio Interdisciplinar de Vivência constitui-se num espaço de formação política construído pelos movimentos sociais populares em conjunto com o movimento estudantil, em que jovens, em sua grande parte universitários vivenciam a realidade de sujeitos pertencentes aos movimentos sociais do campo.

Os Estágios de Vivência surgem na década de 80[i]. A primeira experiência foi realizada no ano de 1989 em Dourados no Mato Grosso do Sul por estudantes do curso de Agronomia organizados na Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) juntamente com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O EIV buscou contribuir com uma reflexão crítica sobre o modelo de desenvolvimento agropecuário que estava sendo implantando no país naquele momento, objetivando aproximar o ensino da realidade das áreas camponesas, auxiliando na formação dos estudantes e demonstrando as reais demandas e necessidades da maioria dos trabalhadores e produtores rurais daquele período.

Atualmente, esse espaço de formação política dura em média 15 dias e é caracterizado por três fases, são elas: preparação, vivência e socialização. Na fase de preparação, os estagiários se concentram no mesmo local e participam de espaços com temas que auxiliarão os mesmos na compreensão da vivência como o histórico da luta pela terra, capitalismo no campo, cultura popular, entre outros. Na segunda etapa, ocorre a vivência. Nesta fase os estagiários são separados em duplas ou trios e encaminhados para áreas de vivência com famílias organizadas nos movimentos sociais do campo. A terceira e última etapa é a socialização, onde os estagiários voltam a se encontrar e compartilham as experiências e conhecimentos adquiridos durante a vivência. Ainda nesta última etapa os estagiários participam de espaços que complementam a sua formação no sentido de compreensão da realidade camponesa.

O Estágio Interdisciplinar de Vivência se pauta por três princípios fundamentais, entendidos como:

Afirmações positivas coletivas, convicções resultantes de uma experiência acumulada e refletida na realização dos EIVs. Não se assemelham a cláusulas, normas ou regras, pois sua adoção pelos participantes não é obrigatória, e sim desejada (CHUMBINHO, S/D).

Tratam-se de premissas político-pedagógicas, nas quais é delineada a execução do Estágio Interdisciplinar de Vivência. O primeiro princípio é o da parceria, que reafirma o processo de construção coletiva da qual o estágio é fruto. A parceria entre os movimentos é regida pela proximidade moral, ideológica, política e prática. O segundo princípio é o da interdisciplinaridade, que proporciona o diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento, abrindo espaço para outros pontos de vista sobre determinadas problemáticas e temas. Interdisciplinaridade aqui entendida também como o respeito ao saber popular e ao aprendizado coletivo. E, por fim, o princípio da não intervenção. Este assegura que os estagiários não procedam com práticas extensionistas ou

etnocêntricas durante a vivência visto que o intuito principal do estágio é levar os estudantes ao conhecimento da realidade dos agricultores, a sua compreensão e reflexão (CHUMBINHO, S/D).

Da primeira edição em 1989 até os dias atuais os Estágios Interdisciplinares de Vivência multiplicaram-se por todo o Brasil. Assumiram um caráter local ou regional e foram construídos por várias outras Executivas e Federações de Curso, Diretórios Centrais dos Estudantes, assim como, por vários movimentos sociais do campo ou populares, a exemplo do Levante Popular da Juventude, movimento que iniciou e majoritariamente coordenou a construção do VI EIV Sergipe, objeto de nosso trabalho.

O Levante Popular da Juventude e o processo de construção dos Estágios Interdisciplinares de Vivência em Sergipe

Em Sergipe, o principal movimento social que organiza e desenvolve o Estágio Interdisciplinar de Vivência é o Levante Popular da Juventude. Trata-se de um movimento social organizado por jovens e voltado para a luta de massas, ou seja, defende as bandeiras dos movimentos sociais de esquerda, não possuindo uma pauta específica. Estrutura-se nacionalmente e pretende organizar a juventude no meio estudantil, no campo e nos centros urbanos. Surgiu em 2006 no Rio Grande do Sul, recebendo forte influência dos movimentos sociais da Via Campesina, movimento internacional que coordena organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres camponesas e comunidades indígenas da Ásia, África, América e Europa e da Consulta Popular, partido político não institucional criado em 1997 por militantes dos movimentos sociais, especialmente pelo MST.

Apesar de não lutar por uma pauta específica, os integrantes do movimento possuem como bandeira de luta o que denominam de Projeto Popular, concepção herdada da Via Campesina e da Consulta Popular. O Projeto Popular configura-se como:

Um projeto político de um conjunto de forças sociais que lutam por profundas transformações da sociedade brasileira. [...] Em suma, o Projeto Popular para o Brasil implica num país politicamente democrático, justo economicamente, sob uma sociedade equitativa e solidária e que respeite e incentive a pluralidade cultural, e em harmonia com o meio ambiente (MST, 2015).

O movimento tem como base o tripé: organização, formação e luta. Dentre as formações mais realizadas estão a Escola Nacional de Formação Emerson Pacheco, que envolve quatro módulos de dois dias, onde são trabalhadas questões como a formação do povo brasileiro, agitação e propaganda, trabalho de base, entre outros. Os cursos nacionais e estaduais do Movimento Estudantil, plenárias nacionais e estaduais da frente territorial e os Estágios Interdisciplinares de Vivência, realizam-se como formação em conjunto com outros movimentos sociais, DCE's e executivas de curso.

Em Sergipe, o Levante Popular da Juventude coordenou o processo de construção do V e VI Estágio Interdisciplinar de Vivência. No primeiro, segundo e terceiro que foram realizados no estado, as pessoas que participaram da organização do mesmo, posteriormente passaram a construir o movimento Levante Popular da Juventude[ii].

O primeiro EIV Sergipe também foi o primeiro EIV Nordeste e se constituiu em um espaço denso de formação. Ocorreu em 2008 com duração de 30 dias. Foi construído pelo movimento estudantil da Universidade Federal de Sergipe e organizado pela FEAB. Interessante observar que ninguém do estado até então tinha sido estagiário do EIV, mesmo assim, com base nas experiências existentes, os estudantes propuseram-se a construí-lo. De acordo com José Celso, estagiário do primeiro EIV, esse espaço contou com várias problemáticas[iii]. A primeira refere-se a falta de apropriação do método por parte da Coordenação Político Pedagógica e segundo porque nesse período Sergipe

passava pela maior seca dos últimos tempos, levando muitos estagiários a passarem sede e/ou fome durante a vivência.

O segundo EIV Sergipe ocorreu no ano de 2010. Devido às problemáticas metodológicas que tiveram no primeiro, esse segundo EIV contou com nove meses de preparação[iv] da Coordenação Política Pedagógica. Foi construído pelas executivas de curso, movimentos sociais do campo, Consulta Popular, PSOL e PSTU. Em virtude da diversidade de partidos e movimentos que estavam na construção, havia muita divergência nos momentos de debates. Todos os EIV's realizados a posteriori em Sergipe retomam esse como base, visto o alto nível de organização e planejamento do mesmo.

O terceiro EIV Sergipe ocorreu em 2011 e foi construído pelos mesmos grupos políticos do anterior. Metodologicamente não se diferenciou muito do segundo. Já o quarto EIV, realizado em 2012, trouxe como diferencial a mudança dos movimentos que estiveram na construção, participando deste somente as executivas de curso, movimentos sociais do campo e a Consulta Popular.

Devido a algumas problemáticas de organização e dificuldades estruturais, Sergipe ficou alguns anos sem realizar o Estágio Interdisciplinar de Vivência. Nesse contexto, o Levante Popular da Juventude tomou como tarefa para si retomar e iniciar o processo de construção do estágio por compreender a importância do mesmo para a formação dos sujeitos participantes. Realizado em 2015, o quinto EIV significou essa retomada na construção do estágio em Sergipe. Este, teve como objetivo construir e formar dirigentes, debater a conjuntura política do período, formar a militância, entre outras questões (Fonte: Observações e anotações realizadas na segunda reunião da comissão organizadora do VI EIV, realizada em 28 de agosto de 2016).

Por fim, o VI Estágio Interdisciplinar de Vivência Sergipe, objeto da nossa pesquisa, ocorreu entre os dias 28 de dezembro de 2016 a 11 de janeiro de 2017 no Centro de Formação Canudos localizado no Assentamento Quissamã em Nossa Senhora do Socorro. Assim como o V EIV, o Levante Popular da Juventude iniciou a construção deste estágio. Vejamos de forma mais aprofundada como ocorreu esse processo.

Histórico e processo de construção do VI Estágio Interdisciplinar de Vivência em Sergipe

Como dito anteriormente, o VI Estágio Interdisciplinar de Vivência Sergipe ocorreu entre meados de dezembro de 2016 e janeiro de 2017. No entanto, é preciso considerar que o processo de organização deste estágio iniciou-se em agosto de 2016, com sua primeira reunião de construção. Neste espaço a Coordenação Político Pedagógica encontrava-se em processo de consolidação, foram pensados sujeitos e movimentos para comporem a comissão organizadora. Debateu-se o contexto de surgimento do EIV e as edições realizadas em Sergipe, dividiram-se comissões de trabalhos e foram indicadas leituras para a CPP (observe o quadro 1), com o intuito de levar esses sujeitos a compreensão do método do estágio e as perspectivas teóricas do mesmo.

Quadro 1: Comissões de trabalho e indicações de leitura

Comissões de Trabalho	Indicações de leitura
Metodologia e Articulação	Fundamentos da escola do trabalho –Pistrak
Comunicação e estrutura	Vida e obra – Makarenko
Finanças	Método do Instituto de educação Josué de Castro

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de observações e anotações realizadas na reunião da Comissão Organizadora do dia 21 de agosto de 2017.

Na segunda reunião de construção a CPP encontrava-se praticamente consolidada. A Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB), o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Sergipe, o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e o Movimento Camponês Popular (MCP) já haviam dado um retorno positivo em relação a participação no estágio.

No percorrer deste caminho, outros movimentos somaram-se a construção como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e a Entidade Nacional dos Estudantes de Biologia (ENEBIO). Este grupo então, já consolidado, buscou nesta reunião traçar os objetivos que norteariam o estágio, a data em que o mesmo iria ocorrer, além de realizarem um debate sobre o método[v].

Ainda na segunda reunião de construção do estágio foi definida a data do primeiro seminário preparatório da Comissão Organizadora[vi]. Foram indicadas leituras de textos básicos (observe o quadro 2) com o objetivo de ajudar tanto na compreensão do método do estágio como no conteúdo que seria trabalhado no próprio seminário.

Quadro 2: Orientações de leitura para o primeiro seminário preparatório da Comissão Organizadora do VI EIV Sergipe

Livro	Autor (a)	Capítulos
Método pedagógico do Instituto Josué de Castro	MST	<ul style="list-style-type: none"> • Engenharia Social • Arquitetura Social • Ambiente Educativo • Estudo • Movimento
Pedagogia do Movimento	Paulo Ricardo Cerioli	<ul style="list-style-type: none"> • Arquitetura Social • Ambiente educativo • Acompanhamento • Movimento, a leitura do processo.
Ensaaios sobre emancipação e consciência	Mauro Yazzy	0
Fundamentos da escola do trabalho	Moisey Pistrak	Teoria e prática
Vida e Obra	Anton Makarenko	Página 50 a 85

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de observações e anotações realizadas na reunião da Comissão Organizadora do dia 28 de agosto de 2017.

Nas reuniões de construção subsequentes a essas duas, pudemos observar a forma como o VI EIV estruturava-se, a preocupação da CPP com as finanças, com o espaço onde o estágio seria realizado, com as áreas de vivência e principalmente com a preocupação em garantir o método e a política do processo.

Ao longo de toda a preparação da Comissão Organizadora do VI EIV Sergipe foram realizados dois seminários preparatórios. Como visto, o primeiro ocorreu logo no início da construção do estágio. Já o segundo seminário, foi realizado nos dias 26 e 27 de dezembro de 2016, dois dias antes do início do EIV. Neste, apesar de também ter sido realizado o debate teórico sobre o método como o primeiro, apresentou um caráter mais de encaminhamento com a resolução de pendências e problemáticas.

Com a Coordenação Político Pedagógica consolidada, estagiários selecionados[vii], somados aos quatro meses intensos de reuniões e seminários, iniciou-se de fato o VI Estágio Interdisciplinar de Vivência Sergipe. Antes de discorrermos sobre como ocorreu esse processo, compreendemos que seria importante caracterizar os sujeitos do nosso trabalho.

Os sujeitos da nossa pesquisa: A Coordenação Político Pedagógica e suas atribuições

Como dito na introdução do nosso trabalho, os sujeitos da nossa pesquisa são os que compõem a Coordenação Político Pedagógica do VI EIV Sergipe. De acordo com Garcia (2014), “a CPP tem origem nas estratégias de formação política das frentes de massas do MST, do qual os primeiros EIV’s estavam relacionados” (GARCIA, 2014). Trata-se de um grupo fundamental no estágio, pois são os responsáveis por fazer a leitura do processo educativo dos estagiários e acompanhá-los, para garantir o método e efetivar o alcance dos objetivos traçados, enfim, é o grupo que organiza e pensa o Estágio Interdisciplinar de Vivência como um todo, das questões mínimas até as mais teóricas e complexas.

A Coordenação Político Pedagógica do VI EIV Sergipe contou com um total de 18 pessoas, destas, onze eram do sexo masculino e sete do feminino. Tinham idade, majoritariamente, entre 20 e 25 anos. Em relação ao movimento ou entidade estudantil do qual fazem parte, pudemos observar que 67% da CPP era composta por membros do Levante Popular da Juventude, 13% de sujeitos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 5% da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, outros 5% do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Sergipe, 5% do Movimento dos Pequenos Agricultores e os outros 5% do Movimento Camponês Popular.

Importante destacar que cada indivíduo da Coordenação Político Pedagógica possuía uma (ou mais de uma) função específica no estágio, ou seja, dentro da própria CPP havia uma divisão interna de tarefas. Essa divisão ocorreu durante o segundo seminário preparatório, que teve como objetivo “explorar” tanto as qualidades da CPP, quanto metodologicamente contribuir na organização do estágio.

A partir desta divisão foi possível observar de forma mais detalhada como cada indivíduo da CPP atuava em suas tarefas e conduzia o processo pedagógico. Dada essa breve exposição acerca dos sujeitos do nosso trabalho, passemos a tratar do VI EIV no tocante a seus conteúdos programáticos e ensino.

VI Estágio Interdisciplinar de Vivência: conteúdos e relação com o ensino

Situado no âmbito da educação não formal o VI EIV contou com espaços, ou melhor dizendo, com tempos educativos específicos em que a questão do ensino foi trabalhada de forma mais intensa. Conforme Garcia (2014), os tempos educativos “visam à organização e auto-organização dos educandos e do espaço, sendo este um exercício de aprender a organizar o tempo pessoal e coletivo a fim de alcançar o que se deseja” (GARCIA, 2014).

Dentre estes espaços de formação, destacamos o tempo leitura e o tempo aula. O tempo leitura consistiu no tempo que os estagiários realizaram a leitura de textos referente ao assunto que seria abordado no tempo aula. Essa leitura foi realizada nos núcleos de base[viii] e de forma coletiva. O tempo aula, como o próprio nome indica, é o tempo educativo no qual os conteúdos programáticos do estágio foram abordados por um facilitador[ix] em plenária. Essa atividade é realizada em conjunto com todos os estagiários.

Os critérios utilizados para selecionar os conteúdos trabalhados no estágio corresponderam ao que, de acordo com João[x]:

[...] é basilar, o que utilizamos como base da primeira parte é aquilo que é necessário para compreender a vivência, então são conteúdos que ajudam a compreender a vivência e que ajudem a compreender o mundo em que a gente vive. Já na retomada os objetivos do conteúdo a gente tira a partir da necessidade de se estabelecer uma relação com as contradições encontradas no campo e a necessidade de organização política desses educandos e educandas. (JOÃO/CPP, 02/02/2017)

Os conteúdos trabalhados na primeira fase foram: *Como funciona a sociedade*, que contemplou uma abordagem histórica dos modelos de produção existente no mundo até os dias atuais; *Histórico da luta pela terra*, que tratou da formação do Brasil, do seu povo, dos movimentos camponeses, caracterizando-os; *Capitalismo no campo*, que abordou o agronegócio, os impactos da revolução verde no campo, os movimentos sociais, entre outros; *Educação Popular* que apresentou uma visão Freiriana[xi] da educação e discutiu o seu papel na conjuntura política; *Gênero e diversidade sexual*, que discutiu a questão do patriarcado e divisão sexual do trabalho, evidenciando a perspectiva de classe nesse processo e *Cultura Popular*, que contemplou vários elementos da cultura do povo brasileiro. Interessante observar que esse espaço teve início com o Toré, dança ritual realizada por vários povos indígenas da América. Ainda nessa primeira fase houve uma iniciação ao método pedagógico, que consistiu em trabalhar dentro dos núcleos de base três elementos do método do estágio, são eles: o trabalho, a gestão democrática e mística e valores.

Na terceira fase, também chamada de socialização, que é desenvolvida no retorno dos estagiários das áreas de vivências, foram trabalhados alguns conteúdos, como: *processo de formação de consciência, juventude*, que trabalhou a concepção de juventude e o papel da mesma na luta de classes e por fim, *Projeto Popular*. Ainda nessa terceira fase, foi realizada uma análise de conjuntura dos movimentos sociais do campo e socialização da segunda fase do estágio, a vivência.

Analisando os conteúdos programáticos do estágio pudemos observar que a história esteve presente em todos os tempos de formação, pois os facilitadores recorriam a categorias de análise da história para explicar os conteúdos que estavam sendo trabalhados. Não só as categorias, mas também trabalharam a história como processo. Seja na formação do povo brasileiro, na cultura popular, ou no histórico da luta pela terra a história estava contemplada, bem como nas místicas, na poesia e também nas músicas que eram cantadas. Tomemos como exemplo o trecho da música Sou Brasil, de Kian Lemos[xii] e Paulo Vitor, cantada durante o espaço sobre Juventude e Projeto Popular:

[...]

Sou Zumbi, Mario Alves

Mariguella, Sabotage

Dina-di, Zeferina, Clementina da Silva

Sou João Mulungu, sou Cosme, eu sou Dandara

Sou Manoel do balaio junto com a balaiada.

Sou milhares de histórias dentro da mesma pátria.

[...]

Sou milhares de histórias,

Que a escola não conta

Sou o povo lutador, no país de ponta a ponta

Sou o Prestes lutando contra o Getúlio Vargas

O Paulo Freire ensinando como é que se trabalha

[...]

Sou o Antônio Conselheiro em meio a Guerra de Canudos

Lampião e Maria Bonita, da Caatinga para o mundo,

Sou a eterna Margarida que lutou e resistiu,

Sou os sonhos derrubados pelo tiro de fuzil

Nesta música, podemos observar como a história está presente, principalmente através de sujeitos tidos como lutadores do povo que deixaram suas marcas em nossa história. Os autores resgatam eventos que ocorreram na história do Brasil, como a Guerra de Canudos, o Cangaço e os incorporam em seus versos para demonstrar a resistência do povo perante as injustiças sociais.

Outro momento de suma importância para visualizarmos como a história foi trabalhada durante o estágio é um espaço denominado Jornada Socialista[xiii]. Nesta, que ocorreu na noite do dia 31 de dezembro de 2016, foi retratado o processo da Revolução Cubana[xiv]. Os membros da CPP narraram e encenaram de forma cronológica, desde o golpe de Fulgêncio Batista em 1952 até a vitória da Revolução em janeiro de 1959. Demonstraram a tortura sofrida por Waydee, a prisão de Fidel e a entrada em Havana, que simbolizou o triunfo da Revolução Cubana. Visto isso, podemos constatar que a história esteve presente em diversos espaços no estágio, não apenas no tempo aula. A história também foi contemplada através de outros mecanismos, a exemplo da Jornada Socialista que fez uso de um misto entre teatro, música e poesia para retratar a Revolução Cubana.

Diante do que foi exposto, já é possível afirmarmos que a história é trabalhada dentro do VI Estágio Interdisciplinar de Vivência. No entanto, uma dúvida ainda persiste: Qual história? Que tipo de história é trabalhada dentro do EIV? De acordo com João, membro da Coordenação Político Pedagógica:

Pode(mos) definir como a história dos de baixo, então a todo momento a gente retoma a formação do povo brasileiro, a formação da classe trabalhadora, a formação né, dos mecanismos de exploração. Então, sinteticamente a gente trabalha com a história dos de baixo. (JOÃO, 02/02/2017)

Segundo Joana[xv], também membro da Coordenação Político Pedagógica, a história trabalhada no curso é:

Normalmente a história que não é contada, da classe trabalhadora, a história partindo do ponto de vista da classe trabalhadora, a história que em geral é suprimida, tanto a história do capitalismo, a história do campo. A gente trabalha o aspecto histórico em todos os temas que são discutidos. (JOANA, 26/03/2017)

Nessa perspectiva, mediante o que foi observado e ouvido daqueles que organizaram o conteúdo programático trabalhado no VI Estágio Interdisciplinar de Vivência podemos concluir que a história trabalhada no estágio é a História Social. A História Social:

Aborda objetos de pesquisa que são alheios ao mundo das elites, parte das classes menos favorecidas na sociedade. Este novo modelo de focar a história revelou amplos laços sociais e concedeu o papel de protagonista da História também para classes inferiores. (JUNIOR, S/D)

Ganhando força através de Edward Thompson[xvi], que integrou essa corrente comprometida com a

“História vista de baixo”, a história social empenha-se em trazer a perspectiva de camponeses, operários, escravos, ou seja, das pessoas “comuns” da sociedade, daquelas menos favorecidas que majoritariamente são invisibilizados pela história oficializada e, frequentemente vinculada em diferentes suportes didáticos.

Esta forma de abordagem, levando em conta o perfil dos sujeitos participantes do estágio, aproxima os educandos do que é trabalhado no tempo aula. Ao tomar a história como uma matriz pedagógica, observamos uma intencionalidade que orienta o processo formativo, ou seja, a história por si só não educa, não forma, mas o uso que é feito dela dentro do VI Estágio Interdisciplinar de Vivência ensina e provoca relações de identificação nos sujeitos participantes.

Por trabalhar muito os processos históricos que tiveram como protagonistas sujeitos da classe trabalhadora, e sujeitos marcados pela história de vida a exemplo de Margarida Alves[xviii] no tocante a luta pela terra, foi possível observar que os estagiários muitas vezes sensibilizavam-se com os conteúdos trabalhados. João nos diz que essa identificação é perceptível a partir de várias formas, “seja por reações faciais, de espanto, até momentos mais profundos, de choro, de conversa também, avaliação” (JOÃO, 02/01/2017).

Dentro do Estágio Interdisciplinar de Vivência, os estagiários entram em contato com um tipo de conteúdo, não só conteúdo, mas entram em contato com um tipo de história que muitas vezes não é trabalhado nos espaços de educação formal e que em grande parte se relaciona ou se confunde com sua história de vida. História essa trabalhada por sujeitos que incorporam na forma de transmiti-la a música, o teatro, a poesia, entre outros elementos. No decorrer dos dias do EIV, os estagiários começam a perceber que também são e fazem parte daquela história, a sua história, que lhes possibilitou ser o que são hoje. Lucini (2007) nos diz que:

[...] a produção de uma identidade, bem como a produção da vida, é constantemente alimentada nas práticas de memória e pelas narrativas históricas, sedimentando laços sociais e, assim, possibilitando a constituição de um patrimônio de passado. (LUCINI, 2007, p. 174)

O processo que inicia com uma identificação com a história da classe trabalhadora vai constituindo a própria identidade dos estagiários. Essa incorporação é perceptível nas falas, simbologias e vestuários dos sujeitos.

Considerações Finais

A partir deste trabalho podemos constatar que a história se fez muito presente durante o VI Estágio Interdisciplinar de Vivência Sergipe. Identificamos que a história mobilizada dentro desta formação política se trata da história social, corrente historiográfica que trabalha a história vinda “dos de baixo”, das classes menos favorecidas da sociedade.

Através das observações e estudos realizados podemos concluir que a metodologia de formação desenvolvida no VI EIV possui como base os tempos educativos. Compostos por uma série de diferentes espaços, são eles que dão a estrutura do estágio, que organizam, delimitam, regram e disciplinam os estagiários e a coordenação político pedagógica.

Por fim, podemos concluir que o ensino de história contribuiu sobremaneira na constituição da identidade dos sujeitos durante o EIV. Como dito anteriormente, a história trabalhada no estágio se confunde muitas vezes com a história de vida dos próprios sujeitos. O ensino de história desenvolvido atua como um mecanismo para que os sujeitos reconheçam seu papel na história e atuem sobre ela.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4 ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

CELSO, José. Entrevista concedida a Paloma de Oliveira Fontes. Nossa Senhora do Socorro, 1 jan. 2017.

CHUMBINHO, Alexandre. **Princípios do Estágio Interdisciplinar de Vivência**. [S.l. : s.n.]; [1900].

Coletivo Político Pedagógico do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. **Método Josué de Castro**. Veranópolis, 2003.

ELLEN, Flávia. Entrevista concedida a Paloma de Oliveira Fontes. Aracaju, 26 março 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

GARCIA, Gabriela Viero. **Estágio Interdisciplinar de Vivência como espaço de emergência do mundo da vida/ Gabriela Viero Garcia- 2014**. Dissertação, 193 p.

LUCINI, Marizete. **Memória e História na formação da identidade Sem Terra no Assentamento Conquista da Fronteira**. Marizete Lucini.- Campinas-SP: [s/n]. 2007.

MAKARENKO, Anton S. **Poema Pedagógico**, 3 vols., Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

MOURÃO, Alexandre de Albuquerque. **Resistência à biopolítica: arte ativista na exceção brasileira** / Alexandre de Albuquerque Mourão. – 2013. Dissertação, 90 f.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **A escolar-comuna**; Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich,--1.ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich.. **Fundamentos da escola do trabalho**. SP: Expressão Popular, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.)**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7. D – Petrópolis, RJ: Vozes: 2007.

VIGENTIN, Rafael. **Experiências e sentidos da participação juvenil na contemporaneidade: Um estudo do Levante Popular da Juventude na cidade de Sorocaba-SP** / Rafael Vigentini. -- 2016. Dissertação, 115 p.

[I] É importante destacar que o primeiro Estágio de Vivência com caráter interdisciplinar ocorreu no Estado do Paraná em 1991, promovido pelo DCE da Universidade Federal do Paraná.

[II] É importante lembrar que o Levante Popular da Juventude surgiu em Sergipe no ano de 2012. Portanto, não podemos falar da existência do movimento antes dessa data e nem que o mesmo participou da construção dos primeiros EIV's, mesmo que alguns anos depois boa parte dos indivíduos que construíram os primeiros estágios no estado tornaram-se do movimento.

[III] Informação extraída da primeira reunião de construção do VI EIV Sergipe, dia 21/08/2016.

[IV] Essa preparação incluía formação para os coordenadores que estariam presentes no estágio.

[V] Essa preparação incluía formação para os coordenadores que estariam presentes no estágio.

[VI] É importante ressaltar que, conforme a Coordenação Político Pedagógica, o método do Estágio Interdisciplinar de Vivência é proveniente de duas experiências em específico: a soviética, tomando como base os autores Anton Makarenko, Moisey Pistrak e Krupskayo e da experiência dos movimentos sociais, em especial o do MST (com enfoque na pedagogia de Paulo Freire e Paulo Ricardo Cerioli).

[VII] O I Seminário preparatório foi realizado nos dias 17 e 18 de setembro de 2016

[VIII] Ao todo foram 170 pessoas inscritas no estágio, destas, 116 foram selecionadas. E efetivamente, 72 participaram do EIV.

[IX] Os participantes são divididos em grupos denominados núcleos de base, e são compostos por 8 a 10 estagiários. Esse grupo realiza conjuntamente todas as atividades do EIV, desde as tarefas de lavar panelas e limpar refeitório até realizar místicas e coordenar o dia. O VI EIV Sergipe comportou um total de 8 núcleos de base.

[X] Facilitador é o nome dado aos palestrantes que realizam o debate no tempo-aula.

[XI] Como forma de preservar a identidade dos (as) entrevistados (as), os nomes utilizados no decorrer do texto são fictícios.

[XII] Visão de Paulo Freire.

[XIII] Membro da Coordenação Político Pedagógica.

[XIV] A jornada socialista trata-se de um ato místico que reafirma os ideais, objetivos e compromissos dos sujeitos com a luta dos trabalhadores e trabalhadoras.

[XV] Importante destacar que a Jornada Socialista é planejada e realizada pelos membros da Coordenação Político Pedagógica.

[XVI] Como forma de preservar a identidade dos (as) entrevistados (as), os nomes utilizados no decorrer do texto são fictícios.

[XVII] Considerado o maior historiador inglês do século XX, Edward Palmer Thompson fez parte da terceira geração da escola de Annales.

[XVIII] Sindicalista e defensora dos direitos humanos, Margaria Alves foi assassinada em 1983 na Paraíba.